

PRÉMIO NOBEL DE LITERATURA

OLGA TOKARCZUK

OUTORA  
E OUTROS  
TEMPOS



cavalo de ferro

## O TEMPO DE OUTRORA

Outrora é um lugar situado no centro do universo.

Atravessar Outrora de norte a sul com passo acelerado demora uma hora. O mesmo acontece de leste a oeste. E se alguém quiser dar a volta a Outrora com passo lento, observando detalhada e reflectidamente todas as coisas em redor, precisará de um dia inteiro. De manhã até ao entardecer.

A norte, Outrora tem como fronteira a movimentada e perigosa estrada de Taszów para Kielce, que desperta ansiedade no viajante. Esta fronteira encontra-se à guarda do Arcanjo Rafael.

A sul, a fronteira é demarcada pela vila de Jeszkotle, com a sua igreja, o lar de idosos e casas baixas construídas em redor da lamacenta Praça do Mercado. A vila é perigosa porque desperta o desejo de possuir e ser possuído. Deste lado, é o Arcanjo Gabriel quem guarda Outrora.

De sul para norte, ou seja, de Jeszkotle até à estrada para Kielce, estende-se a estrada principal que atravessa Outrora de ponta a ponta.

A fronteira ocidental de Outrora é delimitada por húmidos prados ribeirinhos, algumas florestas e um palácio. Junto ao palácio, existe uma criação de cavalos, sendo que cada um deles vale tanto quanto Outrora inteira. Os cavalos pertencem ao Morgado e os prados, ao Pároco. O perigo da

fronteira ocidental é a tentação do orgulho. Esta fronteira é guardada pelo Arcanjo Miguel.

A leste, a fronteira de Outrora é o Rio Branco, que separa as terras de Outrora das terras de Taszów. De seguida, o Rio Branco vira em direcção ao moinho e a fronteira continua a correr sozinha por entre pastagens e arbustos de amieiro. O perigo residente neste lado é a estupidez, que nasce do desejo de exhibir conhecimentos e saberes. É o Arcanjo Uriel quem guarda esta fronteira.

No centro de Outrora, Deus formou uma colina, que todos os Verões é invadida por bandos de besouros. Por tal razão, as pessoas chamaram-lhe Colina dos Besouros. A tarefa de Deus é criar e a dos homens, nomear.

De noroeste para Sul corre o Rio Preto, que se junta ao Rio Branco perto do moinho. O Rio Preto é fundo e escuro. Corre pela floresta e a floresta reflecte nele o seu rosto coberto de vegetação. Nas águas do Rio Preto navegam folhas secas e insectos incautos lutam pela vida nos seus turbilhões. O Rio Preto briga com as raízes das árvores e varre o solo das florestas. Às vezes, na sua superfície escura, surgem redemoinhos, pois este rio é capaz de se mostrar irado e desenfreado. Todos os anos, no final da Primavera, o Rio Preto transborda e invade os prados do pároco e aí fica a bronzear-se ao Sol, permitindo que as rãs se multipliquem aos milhares. O pároco luta contra ele no Verão e, todos os anos, no final de Julho, o rio deixa-se reconduzir, complacente, para o seu leito.

O Rio Branco é um rio pouco fundo mas vivo. Estende o seu vasto leito na areia e nada tem a ocultar. É transparente e límpido; o seu fundo arenoso reflecte o Sol. Faz lembrar uma grande lagartixa cintilante. Serpenteia entre choupos, dando voltas caprichosas. As suas brincadeiras são imprevisíveis. Um dia destes é capaz de transformar em ilha um

bosquete de amieiros e, depois, afastar-se para longe das árvores durante décadas. O Rio Branco corre entre arvoredos, prados e pastagens. Tem um brilho que reflecte tonalidades de areia e ouro.

Os dois rios unem-se junto ao moinho. Primeiro correm um ao lado do outro, indecisos, intimidados pelo desejo de aproximação e, depois, precipitam-se um para o outro e perdem-se um no outro. O rio que corre deste crisol junto ao moinho já não é nem o Rio Branco nem o Rio Preto. É, sim, um poderoso rio que, sem esforço, faz girar a mó do moinho que tritura os grãos para fazer o pão.

Outrora está situada à beira de dois rios e é ainda banhada por um terceiro, nascido do desejo mútuo de aproximação dos primeiros. O rio nascido da união do Rio Preto e do Rio Branco junto ao moinho chama-se Rio. O Rio segue o seu curso com tranquilidade e plenitude.

## O Tempo de Genowefa

No Verão do ano de 1914, dois soldados do czar nos seus uniformes resplandecentes vieram buscar Michał montados a cavalo. Michał viu-os aproximar-se, vindos dos lados de Jeszkotle. O ar tórrido propagava os seus risos. Michał pôs-se à soleira da porta com a sua bata polvilhada de farinha e ficou à espera, embora soubesse ao que vinham.

– *Wy kto?* – perguntaram-lhe para saber quem ele era.

– *Mieniazowut Michał Józefowicz Niebieski* – respondeu Michał, identificando-se à maneira russa.

– Pois bem, temos uma surpresa para si.

Pegou no papel que lhe estendiam e foi mostrá-lo à mulher. Ela chorou o dia inteiro, enquanto preparava Michał para a guerra. Estava tão fraca de tanto chorar e tão abatida que

não teve forças para transpor a soleira da porta de casa e acompanhar o marido com o olhar até à ponte.

Quando as flores caíram das batateiras e, no seu lugar, germinaram pequenos tubérculos verdes, Genowefa deu-se conta que estava grávida. Contava pelos dedos os meses e os seus cálculos indicavam o final de Maio, altura das primeiras ceifas. Deve ter sido nessa altura que tudo acontecera. Agora estava desesperada porque não tivera tempo de o dizer a Michał. Talvez aquele ventre a crescer de dia para dia fosse uma espécie de sinal de que Michał haveria de voltar, teria de voltar. Genowefa, sozinha, punha o moinho em marcha, tal como Michał o fazia. Vigiava os operários e passava recibos aos camponeses que lhe traziam grãos. Ouvia o murmúrio da água, que punha a mó em movimento, assim como o ruído das máquinas. A farinha depositava-se nos seus cabelos e nas suas pestanas, e quando à noite se olhava ao espelho, via nele a imagem de uma velha. Depois, aquela mulher velha despia-se diante do espelho e examinava a barriga. Deitava-se na cama e, apesar das almofadas e das meias de lã, não era capaz de se aquecer. E, dado que se entra no sono como se entra na água, sempre com os pés, Genowefa levava muito tempo a adormecer. Tinha, assim, muito tempo para rezar. Começava com o pai-nosso, seguia-se a ave-maria e, para o fim, deixava a sua oração preferida e sonolenta ao anjo-da-guarda. Pedia-lhe que protegesse Michał, pois na guerra é preciso ter mais do que um anjo-da-guarda. A seguir, as orações davam lugar a imagens de guerra, simples e pobres, porque Genowefa não conhecia outro mundo a não ser o de Outrora, nem outras guerras além das rixas de sábado na Praça do Mercado, quando os homens bêbedos deixavam a taberna do judeu Szlomo. Agarravam-se pelas abas dos capotes, atiravam-se ao chão e rolavam

pela lama, besuntados, sujos e deploráveis. Por isso, Genowefa imaginava a guerra como uma luta corpo a corpo no meio da lama, das poças de água e do lixo, uma luta na qual tudo se resolvia imediatamente, de uma assentada. Por tal razão, ela admirava-se de a guerra durar tanto tempo.

Às vezes, quando ia à vila fazer compras, escutava as conversas das pessoas.

– O czar é mais forte do que o Alemão – diziam.

Ou, então:

– A guerra vai acabar no Natal.

Mas não terminou, nem nesse Natal, nem nos outros quatro que se seguiram.

Antes da quadra natalícia, Genowefa foi fazer compras a Jeszkotle. Ao atravessar a ponte, viu uma rapariga a caminhar à beira-rio. Estava pobremente vestida e descalça. Os pés nus enterravam-se na neve, deixando pegadas pequenas e fundas. Genowefa estremeceu e estacou. Olhou para a rapariga lá de cima e encontrou na mala um coque para lhe dar. A rapariga ergueu os olhos e os seus olhares cruzaram-se. A moeda caiu na neve. A rapariga sorriu, mas naquele sorriso não havia gratidão nem simpatia. Era apenas um sorriso que punha a descoberto uns dentes grandes e brancos e uns olhos verdes e brilhantes.

– É para ti – disse Genowefa.

A rapariga baixou-se e, com os dedos, retirou a moeda delicadamente da neve e, depois, virou costas e, sem dizer nada, seguiu em frente.

Jeszkotle parecia ter perdido a cor. Estava tudo preto, branco e cinzento. Na Praça do Mercado encontravam-se pequenos grupos de homens. Conversavam sobre a guerra. Cidades destruídas e os bens dos seus habitantes espalhados pelas ruas. As pessoas fugiam das balas. Irmãos procuravam irmãos. Não se sabia quem era pior, se os Russos se os

Alemães. Os Alemães envenenavam com um gás que fazia rebentar os olhos. A fome haveria de chegar na Primavera. A guerra era a primeira praga, à qual outras se seguiriam. Genowefa contornava os montes de bosta de cavalo que derretiam a neve em frente da loja do judeu Szenbert. A tabuleta pregada na porta dizia:

#### DROGARIA

Szenbert e Cia.

Tem em *stock* unicamente

Produtos de primeira qualidade:

Sabão para roupa

Branqueador de roupa interior

Solução de amido para engomar

Azeite, velas, fósforos

Insecticida em pó

De repente, as palavras «insecticida em pó» fizeram-na fraquejar. Pensou no tal gás que os Alemães usavam e que fazia rebentar os olhos. Será que as baratas sentiam a mesma coisa quando eram polvilhadas com o pó da loja de Szenbert? Teve de respirar fundo várias vezes para não vomitar.

– Diga, se faz favor – disse-lhe a voz cantante de uma mulher jovem com uma gravidez avançada. Olhou para a barriga de Genowefa e sorriu.

Genowefa pediu petróleo, fósforos, sabão e uma escova nova para esfregar o chão. Passou o dedo pelas cerdas duras e ásperas.

– Vou fazer grandes limpezas antes do Natal. Vou esfregar o soalho, lavar os cortinados, limpar o fogão.

– Nós também temos a nossa festa em breve, a Chanucá. A senhora é de Outrora, não é? É a dona do moinho? Eu conheço-a.

– Agora já nos conhecemos as duas. Para quando está previsto o seu parto?

– Para Fevereiro.

– O meu também.

A senhora Szenbert começou a colocar sobre o balcão as barras de sabão azul.

– Não costuma perguntar a si própria por que razão nós, mulheres tolas, damos à luz em tempos de guerra?

– Certamente é Deus...

– Deus, Deus... Ele é um bom contabilista, sempre com um olho nas rubricas das receitas e das despesas. Tem de haver um equilíbrio. Perde-se aqui, nasce ali... A senhora está tão bonita, vai ter certamente um rapaz.

Genowefa pegou no cesto das compras.

– Preciso de uma filha porque o meu marido está na guerra e um rapaz sem pai não se educa bem.

A senhora Szenbert saiu de trás do balcão e acompanhou Genowefa até à porta.

– Nós precisamos mesmo é de filhas. Se todas começássemos a dar à luz raparigas, haveria paz no mundo.

E as duas soltaram uma gargalhada.

## O Tempo do Anjo-da-Guarda de Misia

O anjo-da-guarda viu o nascimento de Misia de uma maneira completamente diferente da parteira Kucmerka. Um anjo geralmente vê tudo de uma maneira diferente. Os anjos percebem o mundo não através das formas físicas que este produz sem cessar e depois destrói, mas através do significado e da alma dessas mesmas formas.

O anjo-da-guarda que Deus destinou a Misia viu um corpo dorido e crispado a ondular como um trapo – era



o corpo de Genowefa que dava à luz Misia. E Misia, o Anjo viu-a como um espaço fresco, claro e vazio, que, a qualquer instante, seria habitado pela alma, ainda atordoada e meio-consciente. Quando a criança abriu os olhos, o anjo-da-guarda agradeceu ao Altíssimo. A seguir, o olhar do Anjo e o olhar do ser humano cruzaram-se pela primeira vez e o Anjo estremeceu como só os anjos, que não têm corpo, conseguem estremecer.

O Anjo recebeu Misia neste mundo atrás das costas da parteira – purificou o espaço vital da criança, mostrou-a aos outros anjos e ao Altíssimo, enquanto os seus lábios incorpóreos sussurravam: «Olhai, olhai! Esta é a minha alminha.» O Anjo estava repleto de uma extraordinária ternura angelical, de uma compaixão afectuosa – este é o único sentimento que os anjos albergam. O Criador não os dotou de instintos, emoções e necessidades. Se os tivesse dotado, não seriam seres espirituais. O único instinto que os anjos têm é o instinto da compaixão. O único sentimento dos anjos é uma compaixão infinita, pesada como o firmamento.

O Anjo observava agora Kucmerka, que lavava a criança com água morna e a limpava com uma flanela macia. Depois observou os olhos de Genowefa, vermelhos do esforço.

O Anjo assistia aos acontecimentos como quem olha para um curso de água. Não lhe interessavam, nem lhe importavam os acontecimentos em si, pois sabia de onde e para onde fluíam, conhecia o seu princípio e o seu fim. Já vira o curso de acontecimentos semelhantes e diferentes, próximos ou afastados uns dos outros no tempo, resultantes ou totalmente independentes uns dos outros. Mas isso também não tinha para ele qualquer significado.

Para os anjos, os acontecimentos são algo parecido com um sonho ou um filme sem princípio nem fim. Os anjos não são capazes de se envolver nos acontecimentos; os acontecimentos

não têm para eles qualquer utilidade. O ser humano aprende com o mundo, aprende com os acontecimentos, adquire conhecimentos sobre o mundo e sobre si próprio, conhecimentos esses que se reflectem nos acontecimentos, determinam os seus limites e possibilidades e o ajudam a nomear as coisas. Um anjo não tem necessidade de obter o que quer que seja do exterior; o seu conhecimento deriva de si próprio; todo o conhecimento sobre o mundo e sobre si mesmo está contido nele – foi assim que Deus o criou.

Um anjo não tem uma inteligência como a do ser humano – não tira conclusões, nem julga. Não tem um pensamento lógico. Para algumas pessoas, um anjo poderia parecer estúpido. Mas um anjo traz em si, desde a origem, o fruto da árvore do conhecimento, um saber puro que só pode ser enriquecido pela intuição simples. É uma mente desprovida de raciocínio e, ao mesmo tempo, de enganos, bem como dos medos que os acompanham; é uma inteligência sem os preconceitos que nascem de percepções erradas. Todavia, como todas as outras coisas criadas por Deus, os anjos são voláteis. Isso explica por que razão o Anjo-da-Guarda de Misia esteve tantas vezes ausente quando ela precisou dele.

Quando o Anjo-da-Guarda de Misia se ausentava, desviava o olhar do mundo terrestre para contemplar outros anjos e outros mundos, mais altos e mais baixos, pertencentes a cada uma das coisas do mundo, a animais e plantas. Via, então, a grande cadeia hierárquica dos seres, uma estrutura extraordinária que incluía Oito Mundos, e via o Criador enredado na Obra da Criação. Mas engana-se todo aquele que pensa que o Anjo-da-Guarda de Misia via o rosto do Senhor. Um anjo vê mais do que um ser humano, mas não vê tudo.

Quando regressava em pensamento dos outros mundos, o Anjo-da-Guarda tinha dificuldade em concentrar-se no mundo de Misia que, semelhante aos mundos das outras

peças e animais, era escuro e cheio de sofrimento como um lago turvo coberto de lentilha-d'água.

## O Tempo de Kłoska

Aquela rapariga descalça a quem Genowefa dera um copeque chamava-se Kłoska. *Kłoska* significa espiga.

Kłoska aparecera em Outrora em Julho ou Agosto. Foram as pessoas que lhe deram aquele nome porque apanhava dos campos as espigas que ficavam após a ceifa e assava-as na fogueira. Depois, no Outono, roubava batatas e quando os campos se desnudavam em Novembro, passava os dias na estalagem. Às vezes davam-lhe um cálice de vodca, outras vezes ofereciam-lhe uma fatia de pão com toucinho. As pessoas, porém, não tendem a dar coisas a troco de nada, de graça, sobretudo numa estalagem; por isso, Kłoska começou a prostituir-se. Levemente tocada e aquecida com o álcool, saía da estalagem com os homens e entregava-se-lhes por um pedaço de chouriço. E como era a única mulher nova e fácil das redondezas, os homens andavam à sua volta que nem cães.

Kłoska era grande e bem-feita. Tinha os cabelos claros, uma pele clara, que o Sol não conseguira bronzear. Olhava sempre as pessoas nos olhos descaradamente, até mesmo o Pároco. Tinha olhos verdes, um dos quais ligeiramente estrábico. Os homens que levavam Kłoska para as matas sentiam-se depois pouco à vontade. Apertavam as bragui-lhas e, com as caras vermelhas, apressavam-se a voltar ao ambiente abafado da estalagem. Kłoska nunca queria deitar-se de costas como Deus manda, dizendo:

— Porque hei-de deitar-me debaixo de ti? Eu sou igual a ti.

Preferia apoiar-se numa árvore ou numa das paredes de madeira da estalagem; atirava a saia para cima dos ombros e o seu traseiro brilhava na escuridão como a Lua.

Eis como Kłoska estudava o mundo.

Há duas maneiras de aprender, a partir do exterior e a partir do interior. A primeira é considerada a melhor, ou até mesmo a única maneira. E assim as pessoas adquirem conhecimentos através das viagens longínquas, da observação e da leitura, por intermédio de universidades e seminários — aprendem graças àquilo que acontece fora delas. O ser humano é um ser ignorante que tem de estudar. Por isso, rodeia-se de conhecimento, recolhe-o como uma abelha e acumula-o, utiliza-o e transforma-o. Mas a «ignorância» existente no seu interior, que precisa de aprender, não muda. Já Kłoska aprendia absorvendo as coisas do exterior para o interior.

O saber que apenas se acumula do exterior não muda nada no ser humano ou apenas muda aparentemente; visto de fora, troca-se uma roupa por outra. Em contrapartida, aquele que aprende por assimilação passa por constantes mudanças, pois incorpora na sua essência aquilo que aprende.

Assim, Kłoska, ao receber em si os camponeses imundos e malcheirosos de Outrora e das redondezas, identificava-se com eles, andava bêbeda como eles, tinha medo da guerra como eles e excitava-se como eles. Como se não bastasse, ao recebê-los em si nas traseiras da estalagem, entre os arbustos, Kłoska acolhia em si as mulheres deles, os filhos deles, os seus casebres de madeira, abafados e fedorentos, situados em torno da Colina dos Besouros. Em certo sentido, acolhia em si toda a aldeia, cada uma das dores da aldeia e cada uma das suas esperanças.

Eram estas as universidades de Kłoska. E o seu diploma era uma barriga a crescer.

Popielska, a mulher do Morgado, tomou conhecimento do estado de Kłoska e pediu que lha levassem ao palácio. Olhou para aquela grande barriga e disse:

– Mais dia, menos dia irás parir. Como tencionas sustentar-te? Vou ensinar-te a coser e a cozinhar. Poderás ainda trabalhar na lavandaria. Quem sabe, se tudo correr bem, até poderás ficar com a criança.

Mas quando a mulher do Morgado reparou no olhar estranho e insolente da rapariga, que passeava atrevidamente por entre os quadros, móveis e estofos, ela hesitou. E quando esse mesmo olhar percorreu os rostos inocentes dos seus filhos e filha, ela mudou de tom.

– É nosso dever ajudar o próximo, os necessitados. Mas é preciso que o próximo queira ser ajudado. E eu dedico-me precisamente a ajudar. Sou eu que dirijo o abrigo de Jeszkotle. Podes aí deixar a criança; é um lugar limpo e muito agradável.

A palavra «abrigo» chamou a atenção de Kłoska. Olhou para a mulher do Morgado. A senhora Popielska ganhou confiança.

– Na Primavera distribuo roupa e alimentos. As pessoas não te querem por aqui. Tu trazes confusão e corrompes os bons costumes. Portas-te mal. Deverias ir-te embora.

– E eu não tenho o direito de estar onde me apetece?

– Nesta região, tudo me pertence; as terras são minhas, assim como a floresta.

Com um largo sorriso, Kłoska pôs a descoberto os seus dentes brancos e disse:

– Tudo teu? Pobre cadela magricela e minorca...

O rosto de Popielska endureceu.

– Vai-te embora – ordenou a mulher do Morgado calmamente.

Kłoska virou as costas. Ouvia-se agora o bater dos seus pés descalços no soalho.

– Sua puta de merda – disse-lhe Franiowa, a mulher da limpeza do palácio, cujo marido, no Verão, tinha andado doido por Kłoska, e deu-lhe uma bofetada.

Quando Kłoska atravessou o caminho de cascalho, meneando as ancas, os carpinteiros, que trabalhavam no telhado, assobiaram-lhe. E ela levantou as saias e mostrou-lhes o traseiro nu.

Depois de sair do jardim da mulher do Morgado, ela deteve-se e ficou a pensar para onde deveria ir.

À direita ficava Jeszkotle, à esquerda, a floresta. Kłoska sentia-se atraída pela floresta. Mal penetrou na floresta, por entre as árvores, sentiu que ali tudo tinha um cheiro diferente: mais forte, mais vivo. Dirigiu-se para uma casa abandonada na reserva de Wydymacz, onde às vezes pernoitava. A casa fazia parte das ruínas de um lugarejo que ardera e, agora, a floresta já a cobrira de vegetação. Os seus pés inchados por causa do peso e do calor não sentiam as pinhas duras. Junto ao rio, sentiu a primeira dor, difusa e estranha, a inundar-lhe o corpo. A pouco e pouco, deixou-se levar pelo pânico. «Vou morrer, agora vou morrer, porque não há quem me ajude», pensava, aterrorizada. Estacou no meio do Rio Preto e recusou-se a dar mais um passo. A água fria lavava-lhe as pernas e o baixo-ventre. Dentro de água, viu uma lebre esconder-se rapidamente debaixo dos fetos. Teve inveja dela. Viu um peixe serpentear entre as raízes das árvores. Teve inveja dele. Viu uma lagartixa rastejar para debaixo de uma pedra. E também teve inveja dela. Voltou a sentir outra dor, desta vez mais forte e mais aterradora. «Vou morrer», pensou, «agora vou pura e simplesmente morrer. Vou começar a parir e não há quem me ajude». Queria deitar-se sobre os fetos junto ao rio, porque precisava de frescura e escuridão, mas, desafiando o seu próprio corpo, continuava

a andar. A dor voltou pela terceira vez e Kłoska já sabia que não lhe restava muito tempo. A casa em ruínas de Wydymacz era composta por quatro paredes e um pedaço de telhado. No seu interior havia escombros cobertos de urtigas. Tresandava a humidade. Caracóis cegos arrastavam-se pelas paredes. Kłoska arrancou umas folhas grandes de bardana e, com elas, fez uma cama. A dor regressava em ondas cada vez mais impacientes. Quando, em alguns momentos, se tornou insuportável, Kłoska percebeu que tinha de fazer alguma coisa para a expulsar para fora de si, para a atirar para cima das urtigas e das folhas de bardana. Cerrou os maxilares e começou a fazer força. «A dor há-de sair por onde entrou», pensava Kłoska para consigo, enquanto se sentava no chão. Levantou as saias. Não viu nada de especial, apenas a parede da barriga e as coxas. O seu corpo continuava coeso e fechado em si mesmo. Kłoska tentava espreitar para dentro de si própria, mas aquela barriga estorvava-a. Com as mãos trémulas de dor, tentava apalpar o sítio por onde a criança deveria sair de dentro dela. Com as pontas dos dedos sentia a sua vulva inchada e os ásperos pêlos púbicos, mas as suas virilhas não sentiam o toque dos seus dedos. Kłoska tocava em si própria como quem toca algo estranho, um objecto.

A dor intensificava-se a ponto de lhe confundir os sentidos. Os fios do seu pensamento despedaçavam-se como um pedaço de tecido em decomposição. As palavras e as ideias decompunham-se e mergulhavam na terra. O corpo inchado por causa do parto assumia agora o controlo total. E como o corpo humano vive de imagens, elas inundaram a mente semiconsciente de Kłoska.

Kłoska tinha a sensação de estar a parir numa igreja, sobre um pavimento frio, mesmo junto ao altar. Ouvia o zumbido tranquilizante do órgão. A seguir imaginou que ela

própria era um órgão e que ela estava a tocar, que tinha dentro de si uma imensidão de sons e que quando quisesse poderia emiti-los a todos ao mesmo tempo. Sentiu-se poderosa e onnipotente. E foi então que uma mosca destruiu aquela onnipotência, uma vulgar mosca roxa zumbindo logo acima da sua orelha. A dor atingiu Kłoska com uma nova intensidade. «Vou morrer, vou morrer», gemeu. «Não vou morrer, não vou morrer», gemeu pouco tempo depois. O suor colava-lhe as pálpebras e picava-lhe os olhos. Começou a soluçar. Apoiou-se nos braços e começou desesperadamente a fazer força. E depois deste esforço sentiu alívio. Algo respingou e saiu de dentro dela. Kłoska estava agora aberta. Debruçou-se sobre as folhas de bardana e procurou a criança entre elas, mas ali não havia nada, apenas água morna. Por isso, Kłoska reuniu as suas últimas energias e começou a fazer força outra vez. Fechou os olhos e fez força. Respirava fundo e fazia força. Chorava e olhava para cima. Por entre as tábuas podres, via o céu sem nuvens. E foi aí que viu o seu bebé. A criança levantou-se, hesitante, e ficou de pé. Olhou para ela como ninguém ainda tinha olhado, com um imenso e indizível amor. Era um menino. Ele apanhou um ramo do chão e este transformou-se numa pequena cobra-d'água. Kłoska estava feliz. Deitou-se nas folhas e mergulhou num poço escuro. Os seus pensamentos voltaram, fluindo agora tranquilamente, com graciosidade. «Portanto, a casa tem um poço. E no poço há água. Vou morar no poço porque aqui está fresco e húmido. As crianças brincam nos poços, os caracóis recuperam a visão e o trigo amadurece. Vou ter com que alimentar o bebé. Mas onde está o bebé?»

Abriu os olhos e, aterrorizada, sentiu que o tempo tinha parado. Que não havia nenhuma criança.



A dor voltou e Kłoska começou a gritar. Gritou tão alto que as paredes da casa em ruínas estremeceram, os pássaros fugiram em debandada e as pessoas que recolhiam o feno nos campos ergueram a cabeça e persignaram-se. Kłoska engasgou-se e engoliu o grito. Agora gritava para dentro, para dentro de si. Os seus gritos eram tão poderosos que a barriga se mexeu. Kłoska sentiu entre as pernas algo novo e estranho. Levantou-se apoiada nas mãos e olhou para o rosto do seu bebé. Os olhos da criança estavam dolorosamente fechados. Kłoska fez força novamente e a criança nasceu. Tremendo por causa do esforço, tentava pegar na criança, mas as suas mãos não eram capazes de encontrar a imagem que os olhos viam. Ainda assim, suspirou de alívio e deixou-se deslizar para algures na escuridão. Quando acordou, viu a seu lado o bebé, encolhido e morto. Tentou pô-lo ao peito. O peito dela estava agora maior do que o bebé e dolorosamente vivo. As moscas voavam por cima dela.

Durante toda a tarde, Kłoska tentou arduamente estimular a criança morta a mamar. À noite, a dor voltou e Kłoska expulsou a placenta. Depois deixou-se novamente dormir. Em sonhos, alimentava o bebé não com leite mas com água do Rio Preto. A criança era um espectro que se senta no peito das pessoas e suga a sua vida. Queria sangue. O sonho de Kłoska tornava-se cada vez mais perturbador e opressivo e ela não era capaz de sair dele. Nele, apareceu uma mulher, tão grande como uma árvore. Kłoska via-a nitidamente, via cada detalhe do seu rosto, penteado, roupa. Era uma mulher muito poderosa. Tinha o cabelo preto e encaracolado, como uma Judia, e um rosto maravilhosamente expressivo. Kłoska achou-a bonita. Desejou-a com todo o seu corpo dorido, mas não era o mesmo desejo que ela conhecia e que vinha do baixo-ventre, de entre

as pernas; era um desejo que vinha do interior do corpo, algures acima do ventre, próximo do coração. Aquela mulher poderosa inclinou-se sobre Kłoska e afagou-lhe as faces. Kłoska olhou-a nos olhos, de muito perto, e viu neles algo que até aí nunca vira, algo que nem sabia que pudesse existir. «És minha», disse a mulher gigantesca, acariciando o pescoço e os seios inchados de Kłoska. As partes do corpo em que os dedos daquela mulher tocavam tornavam-se abençoadas e imortais. Kłoska entregava-se totalmente àquele toque, pedaço a pedaço. A seguir, a mulher gigantesca tomou Kłoska nos braços e apertou-a contra o seu peito. Kłoska, com os lábios gretados, encontrou um mamilo, que cheirava a pêlo de animal, camomila e arruda. Kłoska mamava e mamava.

O seu sonho foi abalado por um trovão e subitamente viu que continuava deitada naquele casebre em ruínas sobre as folhas de bardana. Em seu redor reinava uma atmosfera acinzentada. Não sabia se era alvorada, se crepúsculo. Pela segunda vez, algures muito perto dela, um relâmpago atingiu o local e, em segundos, um aguaceiro desabou do céu, abafando os trovões que se seguiram. A água escorria pelas vigas do telhado e lavava o sangue e o suor de Kłoska, refrescava-lhe o corpo febril, alimentava-a. Kłoska bebia a água directamente do céu.

Quando o Sol surgiu, ela arrastou-se para fora do casebre e começou a cavar um buraco, retirando dele as raízes enleadas. A terra estava mole e obediente, como se quisesse ajudá-la no funeral. E ela colocou o corpo do recém-nascido naquela cova pouco profunda.

Ali se quedou muito tempo a alisar a terra daquela sepultura e quando ergueu os olhos e olhou em seu redor, estava tudo diferente. Já não era aquele mundo composto por objectos, coisas e fenómenos que existiam lado a lado.

Agora, aquilo que Kłoska se habituara a ver era uma massa única, um animal gigantesco ou um ser humano enorme que assumia muitas formas, para germinar, morrer e renascer. Em redor de Kłoska era tudo um único corpo, e o seu próprio corpo era uma parte daquele grande corpo – enorme, todo-poderoso, inimaginavelmente poderoso. O seu poder manifestava-se em cada movimento e em cada som; por vontade própria, criava algo a partir do nada e transformava algo em nada. Kłoska sentiu uma tontura e encostou-se à parede em ruínas. Um simples olhar embriagava-a, como se tivesse bebido vodca, punha-lhe a cabeça a andar à roda e provocava-lhe uma gargalhada vinda algures da barriga. Parecia estar tudo igual: atrás do pequeno prado verde, atravessado por um caminho de areia, crescia um pinhal, bordejado de aveleiras. Uma aragem suave agitava as ervas e as folhas, algures ouvia-se o canto de uma cigarra e o zumbido das moscas. Nada mais. Todavia, Kłoska via agora que a cigarra estava ligada ao céu, assim como aquilo que segurava as aveleiras à beira da estrada florestal. E via muito mais. Via a força que tudo trespassa e compreendeu a sua actuação. Via os contornos de outros mundos e de outros tempos, estirados sobre e sob os nossos. Também via coisas impossíveis de descrever com palavras.

## O Tempo do Homem Mau

O Homem Mau apareceu nas florestas de Outrora ainda antes da guerra, se bem que uma pessoa como ele pudesse ter vivido na floresta desde sempre.

Primeiro, na Primavera, foi encontrado em Wodenica o corpo semidecomposto de Bronek Malak, que, na opinião

de todos, tinha ido para a América. Veio a polícia de Taszów, examinou o local e levou o corpo numa carroça. Os polícias vieram ainda a Outrora várias vezes, mas sem qualquer resultado. Não descobriram o criminoso. Depois, alguém murmurou que vira na floresta um homem desconhecido. Que estava nu e era peludo como um macaco. Que se esgueirava entre as árvores. Nessa altura, outras pessoas lembraram-se de ter encontrado na floresta umas marcas estranhas – um buraco escavado na terra, uma pegada no caminho de areia, cadáveres de animais abandonados. Alguém ouvira ainda um uivo terrível, um brado meio-humano, meio-animal, vindo da floresta.

As pessoas começaram então a contar histórias sobre a origem do Homem Mau. Pois bem, antes de o Homem Mau se ter tornado um homem mau, era um camponês vulgar que cometeu um crime terrível, embora não se soubesse exactamente que crime fora esse.

Independentemente do crime que tivesse cometido, a sua consciência não lhe dava um momento de descanso; atormentado pela voz desta, ele fugiu de si próprio até que encontrou algum consolo na floresta. Vagueou pela floresta e, por fim, perdeu-se nela. Parecia-lhe que o Sol dançava no céu e, por isso, perdeu o rumo. Julgou que o caminho para o Norte certamente o levaria a algum lado. Mas, depois, duvidou do caminho para Norte e pôs-se em marcha para Leste, na esperança de que a orla da floresta se encontrasse por fim a Leste. E, caminhando em direcção a Leste, voltou a ser assaltado por dúvidas. Estacou confuso, sem ter a certeza daquela direcção e, então, mudou de ideias, decidindo dirigir-se para Sul. Mas acabou também por ter dúvidas quanto ao caminho para Sul e, assim, pôs-se em marcha para Oeste. Nessa altura, constatou que regressara ao sítio de onde partira – o centro

da grande floresta. Ao quarto dia duvidou dos pontos cardeais. Ao quinto dia deixou de confiar no seu raciocínio. Ao sexto dia esqueceu-se de onde vinha e por que razão tinha ido para a floresta e ao sétimo dia já não sabia como se chamava.

A partir daquele momento, a pouco e pouco, começou a tornar-se semelhante aos animais da floresta. Começou a alimentar-se de bagas e cogumelos; depois começou a caçar pequenos animais. Cada dia que passava ia apagando da sua memória fragmentos cada vez maiores do passado, o que tornava a mente do Homem Mau cada vez mais rasa. Esqueceu-se das palavras, porque não as usava. Esqueceu-se de que rezava todas as noites. Esqueceu-se de como se acendia uma fogueira e para que servia. Como se apertavam os botões do capote e como se atavam os atacadores das botas. Esqueceu-se de todas as canções que aprendera na infância e depois esqueceu-se da sua infância. Esqueceu-se dos rostos dos seus familiares mais próximos, da mãe, da mulher, dos filhos; esqueceu-se do sabor do queijo, da carne assada, das batatas e da sopa de levedura de centeio.

Este esquecimento durou muitos anos e, por fim, o Homem Mau deixou de ser parecido com aqueloutro homem que se refugiara na floresta. O Homem Mau já não era ele mesmo e esqueceu-se do que significava ser ele próprio. O seu corpo começou a revestir-se de pêlo; por comer carne crua, os seus dentes tornaram-se fortes e brancos como os dentes dos animais. A sua garganta emitia agora ruídos e grunhidos roucos.

Certo dia, o Homem Mau viu na floresta um velhinho a colher lenha e sentiu que o ser humano lhe era alheio, até repugnante, e, por isso, correu na sua direcção e matou-o. Outra vez, atacou um camponês que seguia numa carroça. Matou-o a ele e ao cavalo. Devorou o cavalo, mas

não tocou no homem – o ser humano era ainda mais repugnante morto do que vivo. Depois matou Broniek Malak.

Certa vez, o Homem Mau chegou, por acaso, aos confins da floresta e avistou a aldeia de Outrora. A visão das casas despertou nele um sentimento confuso, um misto de arrependimento e raiva. Ouviu-se, então, um terrível grunhido na aldeia, semelhante ao uivo de um lobo. O Homem Mau ficou-se por momentos na orla da floresta, depois deu meia-volta e, hesitante, apoiou as mãos no solo. Espantado, descobriu que aquela maneira de se deslocar era muito mais cómoda e muito mais rápida. Os seus olhos, agora mais próximos da terra, viam mais coisas e com maior precisão. O seu olfacto ainda fraco captava melhor os odores da terra. Uma só e única floresta era melhor do que todas as aldeias, todas as estradas e pontes, cidades e torres. E, assim, o Homem Mau regressou à floresta para sempre.

## O Tempo de Genowefa

A guerra trouxe confusão ao mundo. A floresta de Przyjmy ardeu, os Cossacos abateram o filho da família Cherubin, escasseavam homens, não havia quem ceifasse os campos, faltavam alimentos.

Popielski, o Morgado de Jeszkotle, empacotou os seus haveres, carregou-os em charretes e desapareceu durante alguns meses. Depois regressou. Os Cossacos tinham-lhe saqueado a casa e as caves. Beberam vinhos centenários. O velho Boski, que presenciara o acontecimento, dizia que um dos vinhos era tão antigo que eles o tinham cortado com uma baioneta, como gelatina.

Genowefa cuidou do moinho, enquanto este funcionou. Levantava-se de madrugada e supervisionava tudo.

Verificava se ninguém se atrasava para o trabalho. Depois, quando tudo já estava a funcionar com o ritmo e o ruído habituais, Genowefa sentia uma onda de alívio invadi-la, uma onda que, de súbito, afluía quente como leite. Estava tudo em ordem. Regressava a casa e preparava o pequeno-almoço para Misia, que ainda dormia.

Na Primavera de 1917, o moinho parou. Não havia o que moer – as pessoas já tinham comido todas as reservas de cereais. Em Outrora, sentia-se a falta do habitual ruído do moinho. O moinho era o motor que impulsionava o mundo, a maquinaria que o punha em movimento. Agora ouvia-se apenas o murmúrio do rio. A sua força era desperdiçada. Genowefa andava em redor do moinho agora vazio e choramingava. Vagueava por ali como um espírito, como uma dama branca, esbranquiçada. Ao entardecer, sentava-se nas escadas da casa e olhava para o moinho. Sonhava com ele de noite. Nos seus sonhos, o moinho era um navio com velas brancas, tal como vira nos livros. No seio do seu enorme casco de madeira, pistões oleados executavam o seu movimento de vaivém. Ofegava e arfava. O seu interior emanava calor. Genowefa desejava-o. Acordava daqueles sonhos transpirada e inquieta. Mal o dia clareava, levantava-se e sentava-se à mesa a bordar.

Durante a epidemia de cólera de 1918, quando as fronteiras entre as aldeias foram demarcadas, Kłoska dirigiu-se ao moinho. Genowefa viu-a rondar o moinho e espreitar lá para dentro pela janela. Parecia extenuada. De tão magra parecia mais alta. Os seus cabelos loiros tinham-se tornado grisalhos e cobriam-lhe as costas como um xaile sujo. A sua roupa estava esfarrapada.

Genowefa observava-a da janela de sua casa e quando Kłoska espreitou pela janela, ela recuou. Tinha medo de Kłoska. Tinham todos medo de Kłoska. Kłoska era louca e talvez

estivesse doente. Dizia disparates e lançava maldições. Agora que rondava o moinho, parecia uma cadela faminta.

Genowefa olhou para a imagem de Nossa Senhora de Jezzkotle, persignou-se e saiu.

Kłoska voltou-se para ela e Genowefa sentiu um calafrio. Que terrível olhar tinha aquela rapariga.

– Deixa-me entrar no moinho – disse.

Genowefa entrou em casa para ir buscar a chave. Sem proferir uma única palavra, abriu-lhe a porta.

Kłoska entrou na sombra fria à sua frente e logo se atirou para o chão de joelhos para apanhar os grãos de cereais soltos e espalhados, bem como os montinhos de pó que antes haviam sido farinha. Apanhava os grãos com os seus dedos magros e enfiava-os na boca.

Genowefa seguiu-a, passo a passo. Vista do alto, a figura curvada de Kłoska parecia um monte de trapos. Quando saciou a fome com os grãos, Kłoska sentou-se no chão e começou a chorar. As lágrimas escorriam-lhe pelo rosto sujo. Tinha os olhos fechados e sorria. Genowefa sentiu um nó na garganta. Onde moraria ela? Teria parentes? Que fizera no Natal? Que comera? Via que o corpo dela era agora frágil e lembrou-se da Kłoska dos tempos que antecederam a guerra. Era, nessa altura, uma rapariga bela e bem constituída. Olhava agora para os seus pés nus e feridos com unhas tão fortes como as garras dos animais. Genowefa estendeu a mão para tocar nos seus cabelos grisalhos e, nesse instante, Kłoska abriu os olhos e olhou Genowefa nos olhos, nem sequer foi nos olhos, mas directamente na sua alma, no seu âmago. Genowefa retirou a mão. Aqueles não eram os olhos de um ser humano. Saiu a correr do moinho e, aliviada, viu a sua casa, as álceas cor-de-rosa, o vestido de Misia cintilando entre a uva-espim, as cortinas transparentes. Pegou num pedaço de pão e voltou ao moinho.



Kłoska emergiu da escuridão por detrás da porta aberta com uma trouxa cheia de grãos. Olhava para algo atrás de Genowefa e o seu rosto iluminou-se.

– Que doçura – disse, dirigindo-se a Misia, que viera até à cerca.

– Que aconteceu ao teu bebé?

– Morreu.

Genowefa deu-lhe um bocado de pão esticando o braço, mas Kłoska aproximou-se muito dela e, ao pegar no pão, pressionou os seus lábios contra os dela. Genowefa recuou e deu um salto para trás. Kłoska soltou uma gargalhada. Meteu o pão na trouxa. Misia começou a chorar.

– Não chores, doçura, que o teu paizinho já vem a caminho – murmurou Kłoska, e dirigiu-se à aldeia.

Genowefa esfregou os lábios com o avental até ficarem roxos.

Naquela noite, teve dificuldade em adormecer. Kłoska não podia ter-se enganado. Kłoska conhecia o futuro; todos sabiam disso.

E, a partir do dia seguinte, pôs-se à espera. Mas não como fizera até aí. Agora esperava uma hora a seguir à outra. Colocava as batatas debaixo dos edredões para que não arrefecessem muito depressa. Fez a cama. Verteu água na bacia de barbear. Colocou a roupa de Michał em cima de uma cadeira. Esperava como se Michał tivesse ido comprar tabaco a Jeszkotle e voltasse de um momento para o outro.

E assim esperou todo o Verão, Outono e Inverno. Não se afastava de casa, não ia à igreja. Em Fevereiro, o Morgado Popielski regressou ao palácio e deu trabalho ao moinho. Onde fora buscar grãos para moer, não se sabia. E também emprestava grãos aos camponeses para semear. Em casa da família Serafin nasceu uma criança,

uma menina, o que todos entenderam como um sinal de que a guerra chegara ao fim.

Genowefa teve de contratar novos trabalhadores para o moinho, porque muitos dos anteriores não regressaram da guerra. O Morgado recomendou-lhe que contratasse Niedziela de Wola como encarregado. Niedziela era rápido e digno de confiança. Circulava entre a parte de baixo e a parte de cima do moinho, no meio dos camponeses, instigando-os a trabalhar. Escrevia na parede com giz a quantidade de sacas de grãos moídos. Sempre que Genowefa ia ao moinho, Niedziela movimentava-se ainda com maior rapidez e gritava ainda mais alto, enquanto aflagava o seu espargo bigode que em nada lembrava o farto bigode de Michał.

Genowefa subia as escadas até ao piso de cima a contragosto e só o fazia em situações urgentes – se houvesse um engano no recibo do grão ou se as máquinas parassem.

Certa vez, quando procurava Niedziela, Genowefa viu os rapazes que carregavam as sacas. Estavam nus da cintura para cima e tinham o torso salpicado de farinha, como grandes roscas. As sacas tapavam-lhes a cabeça e, por isso, pareciam todos iguais. Não viu ali nem os jovens Serafin e Malak, mas apenas homens. Aqueles torsos despidos atraíam o seu olhar e perturbavam-na. Teve de se virar de costas e desviar o olhar.

Um dia, Niedziela chegou ao moinho com um rapaz judeu. O rapaz era muito novo. Não parecia ter mais de dezassete anos. Tinha olhos escuros e cabelo preto encaracolado. Genowefa reparou nos lábios dele, grandes, de contornos bem delineados, mais escuros do que todos os que já vira.

– Contratei mais um – disse Niedziela, e deu ordens ao rapaz para que se juntasse aos carregadores.

Genowefa conversava com Niedziela distraidamente, e, quando este se afastou, encontrou um pretexto para ali

permanecer. Viu o rapaz despir a camisa de linho, dobrá-la cuidadosamente e pendurá-la no corrimão das escadas. Emocionou-se ao ver o seu peito nu, magro, ainda que musculado, a sua pele tisonada, sob a qual o sangue pulsava e o coração batia. Regressou a casa, mas, a partir daquele dia, passou a encontrar razões para descer com frequência até ao portão, onde eram entregues e recolhidas as sacas de grãos ou de farinha. Ou aparecia à hora de almoço, quando os homens desciam para comer. Olhava para as suas costas polvilhadas com farinha, para os braços de veias salientes e para as suas calças húmidas de suor. Involuntariamente, o seu olhar procurava entre todos apenas um, e quando o encontrava, sentia o sangue pulsar-lhe no rosto, sentia o calor invadi-la.

Aquele rapaz era Eli – ouvira chamá-lo assim – e despertava nela medo, inquietação, vergonha. Só de vê-lo, o coração começava a bater com mais força e a respiração tornava-se mais acelerada. Esforçava-se por olhar para ele com indiferença e frieza. Cabelo encaracolado e preto, nariz forte, boca escura e estranha. As axilas peludas e negras, quando levantava os braços para limpar o suor do rosto. Bamboleava-se ao andar. Diversas vezes cruzou o seu olhar com o dela e assustou-se, como um animal que se tivesse aproximado demasiado. Por fim, esbarraram um no outro ao transporem a estreita porta! Ela sorriu-lhe.

– Leva uma saca de farinha a minha casa – disse-lhe.

A partir daí, Genowefa deixou de esperar pelo marido.

Eli pousou a saca no chão, tirou o boné de lona e começou a amarfanhá-lo nas mãos esbranquiçadas. Genowefa agradeceu-lhe, mas ele não se retirou. Ela reparou que ele mordiscava os lábios.

– Queres um copo de calda de fruta?

Fez sinal que sim. Ela estendeu-lhe o copo e ficou a vê-lo beber. Ele baixou as pestanas longas como as das raparigas.

– Queria pedir-te mais uma coisa...

– Sim?

– Que viesses cortar lenha hoje ao final do dia. Podes? Ele assentiu e foi-se embora.

Ela esperou por ele a tarde toda. Apanhou o cabelo e olhou-se ao espelho. Depois, quando ele chegou e se pôs a cortar os troncos, levou-lhe leite fermentado e pão. Ele sentou-se no tronco e comeu. Sem saber muito bem porquê, ela começou a falar-lhe de Michał, que partira para a guerra.

Ele disse-lhe:

– A guerra já acabou. Estão todos a regressar.

Ela deu-lhe um saco de farinha. Pediu-lhe que viesse no dia seguinte e, no dia seguinte, pediu-lhe que viesse novamente.

Eli cortava a lenha, limpava o fogão e fazia pequenas reparações. Raramente falavam e sempre sobre assuntos banais. Genowefa observava-o disfarçadamente e, quanto mais olhava para ele, mais o seu olhar ficava dele cativo. Por fim, não conseguia deixar de olhar para ele. Devorava-o com o olhar. Certa noite sonhou que fazia amor com um homem que não era nem Michał, nem Eli, mas um estranho. Acordou com a sensação de estar suja. Levantou-se, deitou água na bacia e lavou o corpo todo. Queria esquecer aquele sonho. Depois ficou a olhar para os trabalhadores que desciam do moinho. Via Eli a olhar furtivamente para a janela da sua casa. Ela escondia-se atrás dos cortinados, irritada consigo própria porque o seu coração batia como se tivesse feito uma corrida. «Não vou pensar mais nele, juro», decidiu, e começou a fazer a lida da casa. Por volta do meio-dia, ia ter com Niedziela e, por acaso, cruzava-se

sempre com Eli. Surpreendida com a sua própria voz, um dia pediu-lhe que fosse lá a casa.

– Fiz um pãozinho para ti – disse ela, e apontou para a mesa.

Ele sentou-se timidamente e pousou o boné à sua frente. Ela sentou-se à frente dele e ficou a vê-lo comer. Ele comia devagar e com cuidado. Migalhas brancas ficavam coladas nos seus lábios.

– Eli?

– Sim? – perguntou ele, erguendo o olhar para ela.

– Estava bom?

– Sim.

Ele estendeu a mão sobre a mesa para lhe tocar no rosto. Ela recuou abruptamente.

– Não me toques – disse ela.

O rapaz baixou a cabeça. A sua mão voltou a pegar no boné. Ficou calado. Genowefa sentou-se.

– Diz lá, onde querias tocar-me? – perguntou ela baixinho.

Ele levantou a cabeça e olhou para ela. Ela ficou com a impressão de ter visto faíscas vermelhas nos olhos dele.

– Ia tocar-te aqui – disse ele, apontando para um ponto no seu próprio pescoço.

Genowefa passou a sua mão pelo pescoço e, sob os dedos, sentiu a sua pele quente e o sangue pulsante. Fechou os olhos.

– E depois?

– Depois tocava os teus seios...

Ela respirou fundo e atirou a cabeça para trás.

– Diz-me onde precisamente.

– Onde são mais delicados e mais quentes... Por favor... deixa...

– Não – disse ela.

Eli pôs-se de pé diante dela. Ela sentia o hálito dele, que res-  
cendia a pão doce e a leite, como o de uma criança.

– Estás proibido de me tocar. Jura pelo teu Deus que  
não me tocarás.

– Galdéria – bufou, e atirou para o chão o seu boné  
amarrotado. Saiu batendo com a porta.

Eli voltou naquela noite. Bateu à porta delicadamente  
e Genowefa sabia que era ele.

– Esqueci-me do boné – sussurrou. – Amo-te. Juro que  
não te tocarei. Só o farei quando tu quiseres.

Sentaram-se no chão da cozinha. Feixes de labaredas  
vermelhas iluminavam os seus rostos.

– É preciso ter a certeza se Michał está vivo. Continuo  
a ser mulher dele.

– Vou esperar, mas diz-me por quanto tempo.

– Não sei. Mas tu podes olhar para mim.

– Mostra-me o teu peito.

Genowefa deixou a camisa de noite deslizar-lhe pelos  
ombros. Os seus seios nus e o seu ventre brilharam em to-  
nalidades de vermelho. Ouviu Eli sustar a respiração.

– Mostra-me o quanto me desejas – sussurrou ela.

Ele desabotoou as calças e Genowefa viu o seu membro  
viril erecto. Sentiu o mesmo prazer que sentira durante  
o sonho, um prazer que era o coroar de todos os desve-  
los, olhares e respirações aceleradas. Uma onda de prazer,  
fora de controlo, impossível de travar. Aquilo que aconte-  
cera era aterrorizador, pois nada mais poderia acontecer.  
Consumara-se, transbordara, terminara e começara e,  
a partir daquele instante, tudo o que acontecesse seria ba-  
nal e repugnante, e a fome que despertasse seria sempre  
mais poderosa do que nunca.

*Outrora* é uma aldeia polaca situada no centro do mundo e protegida por quatro arcanjos. Esta mítica aldeia, onde a relva sangra, a roupa tem memória e os animais falam por imagens, é povoada por personagens excêntricas e inesquecíveis – humanas, animais, vegetais, minerais – cujas existências obedecem aos ciclos das estações e à inexorável passagem do seu Tempo, mas também aos acontecimentos externos. Durante três gerações, este microcosmo instável e arrebatador assiste ao eclodir de uma Grande Guerra, à Crise, a uma nova e Segunda Grande Guerra, à Ocupação Nazi, à invasão Russa, e ao choque entre a modernidade e a natureza, espelhando a dramática história da Polónia do século xx.

Primeiro grande sucesso de Olga Tokarczuk, vencedor do prestigiado Prémio da Fundação Kościelski, *Outrora e Outros Tempos* é um romance histórico, filosófico, mitológico e, no dizer da crítica, «um clássico da literatura europeia contemporânea». A autora sempre quis escrever um livro como este: «A história de um mundo que, como todas as coisas vivas, nasce, cresce e depois morre... Cozinhas, quartos, memórias de infância, sonhos e insónia, reminiscências e amnésia fazem parte dos seus espaços existenciais e acústicos, compondo as diferentes vozes da sua história.»

«Discretamente poderosa, esta é uma fábula  
que perdurará nas nossas memórias.»

*World Literature Today*

ISBN 978-989-564-069-0  
9 789895 640690



cavalo de ferro